

Rubinho Jacobina mostra canções de seu novo álbum



PÁGINA 2

Turma da Mônica (agora adolescente) chega ao cinema



PÁGINA 3

Cheio de força (e espinafre), Popeye completa 95 anos



PÁGINA 7

## 2º CADERNO

# 'Absolutamente TUDO PODE SER inspiração'

Autor de mais de 2 mil canções e muitos sucessos, Michael Sullivan partilha suas técnicas de composição em oficinas de criação gratuitas

**C**om uma bagagem de mais de 2 mil composições gravadas e uma história marcada pela criação de inúmeros hits da música brasileira, imortalizados pelas vozes de artistas como Roberto Carlos, Tim Maia, Gal Costa, Fagner e Xuxa, Michael Sullivan está compartilhando seu método de criação artística em oficinas gratuitas que estão sendo oferecidas em espaços culturais das zonas Oeste e Norte da cidade.

Trata-se do projeto "Composição Plural", uma iniciativa do compositor e cantor apresentada pela Prefeitura do Rio, através da Secretaria Municipal de Cultura, e com apoio da União Brasileira de Compositores (UBC). A iniciativa foi aberta nesta quarta-feira (17) na Areninha Carioca Gilberto Gil (Realengo) com a oficina de criação, sendo seguida nesta quinta com o show "My Life, Retratos e Canções de Michael Sullivan". Até 2 de fevereiro, o projeto esta-

rá em Pavuna, Bangu, Madureira, Tijuca e Vista Alegre. As inscrições para as oficinas e entradas para os shows são gratuitas, através do site da Secretaria Municipal de Cultura.

"Meu processo de criação é fruto de uma dedicação existencial à música. Absolutamente tudo pode ser inspiração, mas geralmente a minha vida não é o cenário. O outro, a história de vida das pessoas me inspira, e nesse lugar me posiciono colocando a minha leitura e ótica musical", afirma Michael Sullivan.

Acompanhado de sua banda, o músico apresentará no palco os maiores sucessos de sua carreira. O repertório contempla as clássicas "Estranha Loucura", "Talismã", "Me dê motivo", "Um dia de domingo", "Amor perfeito", "Deslizes", "Joga fora no lixo" e "Whisky a gogo" Sem deixar de lado releituras de hits do segmento de música infantil, como "Lua de Cristal", "He-man", "É de Chocolate" e "Uni-Duni-Te".

"Essa partilha de experiências se reflete no objetivo das oficinas: inspirar, incentivar e formar novos talentos", reforça Sullivan.

### SERVIÇO

COMPOSIÇÃO PLURAL -  
MICHAEL SULLIVAN\*  
17 e 18/1: Areninha Carioca  
Gilberto Gil (Realengo) - Av.  
Marechal Fontenele, 5.000  
19 e 20/1: Arena Carioca  
Jovelina Pérola Negra  
(Pavuna) - Endereço: Praça  
Ênio, s/nº  
24 e 25/1: Areninha Carioca  
Hermeto Pascoal (Bangu) -  
Praça Primeiro de Maio, s/nº  
26 e 27/1: Arena Carioca  
Fernando Torres (Madureira)  
- Rua Bernardino de  
Andrade, 200  
30 e 31/1: Centro de  
Referência da Música Carioca  
Artur da Távola (Tijuca) - Rua  
Conde de Bonfim, 824  
1 e 2/2: Areninha Cultural  
João Bosco (Vista Alegre) -  
Av. São Félix, 601

\*Inscrições e ingressos  
gratuitos para o projeto  
estão disponíveis no site  
da Secretaria Municipal de  
Cultura do Rio de Janeiro



Cleyton de Assis/Divulgação

## CORREIO CULTURAL



Divulgação

Ryan Gosling vive Ken em 'Barbie', de Greta Gerwig

## Ryan Gosling, o Ken de 'Barbie', não deixa filhas verem o filme

Ryan Gosling não permite que suas duas filhas, Esmeralda e Amada, de 9 e 7 anos, do casamento com Eva Mendes, assistam ao filme "Barbie", em que ele interpreta Ken. O ator citou idades das filhas para proibição. "Não sei se você deveria assistir a seu pai como Ken. Não sei que idade é uma boa idade para ver seu pai fazer

isso. É uma coisa muito louca", declarou em entrevista. Apesar de não permitir que as filhas vejam ao filme, Ryan admitiu que foi a paixão delas pela boneca que o motivou a aceitar o convite para o longa. A atuação do ator no filme rendeu diversos elogios e indicações para as principais premiações da temporada.

### Convidado

O salgueirense Marquinho Sathan é o convidado do portelense e Serginho Procópio e mangueirense Reizilan Cartola Neto na terceira edição do projeto "Velhas Companheiras - Mangueira e Portela" no Teatro Rival Petróbras, nesta quinta-feira.

### Confirmada

Ludmilla representará o Brasil na edição 2024 do Coachella, o principal festival musical dos Estados Unidos. O festival anunciou a cantora como atração para os dias 14 e 21 de abril. Ela se apresentará no mesmo dia de J Balvin, Bebe Rexha e Lana Del Rey.

### Em queda

O Emmy, principal premiação da TV americana, teve este ano uma audiência de 4,3 milhões de espectadores, segundo dados da Nielsen. É o pior número desde que as medições começaram a ser feitas. Em 2022, a audiência foi de 5,9 milhões de pessoas.

### Insegurança

Vencedora de um Oscar em 2002, Nicole Kidman revela que teve muitas inseguranças no início da carreira. Um delas está relacionada a sua altura. A atriz, que tem 1,80 metro, precisou mentir e dizer que era dois centímetros mais baixa por insegurança.

# O amor universal (e imperial) de Rubinho Jacobina

Cantor e compositor é a atração desta quinta no palco do Manouche

**R**ubinho Jacobina, músico, cantor, compositor carioca e integrante da

Orquestra Imperial, volta nesta quinta-feira (18) ao palco do Manouche para mais um show-baile, mostrando seus sucessos e as canções de seu terceiro álbum "Amor Universal".

O trabalho, conta o músico, "traz força para dias sem fé nem esperança. Para dias de fé e de esperança. Para todos os dias". Gravado com colegas da Imperial, o álbum reúne 12 faixas inéditas, em solo e em parcerias. O disco tem convidados como Máeana, Nina Becker, Ava Rocha e Amora Pera.

Filho do cineasta baiano Fernando Coni Campos e irmão do compositor Nelson Jacobina, Rubinho nasceu e foi educado cercado de artes e liberdades por todos os lados, em dias e noites de cantoria, violão, bandolim, cavaquinho, discussões e filosofias.

Sua trajetória solo traz mais dois registros: "Andando no Ar" e "Rubinho e a Força Bruta" – esse ganhou o prêmio de revelação pela Associação Paulista dos Críticos de Arte, na categoria música popular. O álbum teve como maior sucesso a música "Artista é o Caralho", que faz parte também do repertório da Orquestra Imperial.



Rogerio Von Kruger/Divulgação

**Neste show Rubinho Jacobina tocará canções de seus álbuns solos e de sua participação como músico da Orquestra Imperial**

Rubinho traz a mistura inusitada do samba, rock n'roll, jovem guarda e tropicalismo, ao lado da banda formada por Marcelo Callado (bateria e percussão), Gustavo Benjão (baixo), Guilherme Lírio (guitarra), Pedro Fonte (percussão) e Renata Neves (violino).

Além das canções do novo álbum, como "Ouvindo Vozes", "Grelho Duro", "Embolada de Amor" e "Sambarilove", Rubinho também vai mostrar faixas de seu trabalho na Imperial, caso

de "Salamaleque", e canções de seus outros álbuns.

### SERVIÇO

RUBINHO JACOBINA - AMOR UNIVERSAL  
18/1, ÀS 21h  
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, - subsolo da Casa Camolese)  
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia solidária, levando um quilo de alimento não perecível ou livro, a ser doado para doação)

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**D**epois do fenômeno “Minha Irmã e Eu” (Já na casa do milhão) e da imparável carreira de “Mamonas Assassinas: O Filme” rumo à consagração, o cinema brasileiro busca exorcizar todo e qualquer fantasma de esvaziamento de suas salas apostando na grife de HQs mais popular que construiu no século XXI, até agora. “Turma da Mônica Jovem: Reflexo do Medo”, dirigido por Maurício Eça (de “Carrossel – O Filme”), é uma releitura audiovisual em carne e osso da porção “Barrados no Baile” da obra quadrinística de Maurício de Sousa. Esse sucesso das artes gráficas nacionais começou em 2008, adaptando o estilo dos personagens criados por Maurício a partir de 1959 (ano de nascimento do cão Bidu) para a estética mangá (quadrinho japonês). Desde então, Mônica, Cascão, Magali, Cebolinha, Milena, Xaveco e afins deixaram de ser um patrimônio da infância e ganharam a adolescência, chegando aos 15 anos.

No site da Panini Comics, é possível encontrar algumas das melhores aventuras da Mônica teenager, entre elas “Deixa o Like”, “O Segredo dos Frufus”, “Eterno Retorno” e “A Planta Vampiro”. É um bom esquentar para o longa que estreia nesta quinta, com a promessa de faturar tanto ou mais do que as produções anteriores baseadas no universo de Maurício renderam: “Laços” (visto por cerca de 2 milhões de pagantes em 2019) e “Lições” (com cerca de 800 mil ingressos vendidos sob a ressaca da covid-19).

Apoiado numa direção de arte estonteante (de Fernando Zuccolotto), a trama de “Reflexo do Medo” acompanha o primeiro dia de aula do Ensino Médio da escola da Mônica bairro do Limoeiro.

A heroína é vivida por Sophia Valverde, de “Poliana

# Mônica versão ‘Barrados no Baile’

Filme baseado no best-seller das HQs estreia apostando no mistério, bem calçado num elenco onde os intérpretes de Cebola e Cascão iluminam na telona

Laura Campanella/Divulgação



*Mônica, vivida por Sophia Valverde, e seus inseparáveis Cebola (Xande Valois), Magali (Bianca Paiva), Cascão (Théo Salomão) e Milena (Carol Roberto) estão às voltas com os hormônios da juventude*

Moça”. Seus inseparáveis Cebola (Xande Valois, um achado de ator!), Magali (Bianca Paiva, de “Chiquitita”), Cascão (o inspiradíssimo Théo Salomão, de “Escola de Gênios”) e Milena (Carol Roberto, ex-The Voice Kids, em ótima atuação) estão

às voltas com os hormônios da juventude. Entre as múltiplas confusões inerentes à arte de ser “aborrescente”, eles encaram desafios ao descobrir que o Museu do Limoeiro, essencial aos estudos de cada um, será leiloado. Para evitar que as obras de arte

e tesouros históricos ali dentro se percam, o grupo decide fazer um piquete público para salvar a instituição. Enquanto investigam o que está acontecendo, eles se deparam com segredos antigos - e assustadores - inerentes a uma criatura chamada Cabeça

de Balde.

Produzido pela Bronze Filmes, com coprodução da Mauricio de Sousa Produções (MSP) e Bebossa Filmes, associadas à Rubi Produtora, com distribuição da Imagem Filmes, “Reflexo do Medo” faz jus ao título e foge do lugar comum das narrativas sobre amadurecimento, numa aposta firme em elementos de cinema fantástico. Tem um toque de “Stranger Things” em sua medula, mas conversa mais (e melhor) com clássicos brasileiros do filão, como “Uma Escola Atrapalhada” (1991), de Del Rangel (com Angélica, Supla e os Trapalhães) e com “Era Uma Vez...” (1995), de Arturo Uranga. Sua dramaturgia conta com uma tropa, uma vez que o roteiro original é de Sabrina Garcia, Rodrigo Goulart e Regina Negrini, com a colaboração de Antônio Arruda, Victor Michels, Bruna Boeing e Tiago Cunha. Seu maior acerto é investir no tom de mistério que cerca a comercialização do Museu do Limoeiro e as ações do Cabeça de Balde, ligadas a um acervo que o tio amado de Cascão – um personagem citado, mas, nunca visto) reuniu, antes de desaparecer.

Xande e Théo Salomão são dois sóis na produção, injetando carisma a uma narrativa que traz a sempre hilária Júlia Rabello numa rápida (ainda assim engraçada) participação. Um dos destaques do elenco é a participação de Eliana Fonseca como Tia Nena, numa figura que explora os mistérios da alma feminina e a sabedoria das mulheres na luta contra o sexismo. Surpreende ainda a divertida aparição de Ataíde Arcoverde, como Lindolfo. A direção de fotografia de Marcelo Corpanni valoriza a referência das HQs do fim dos anos 2000.

Espera-se que ainda este ano estreie “Chico Bento e a Goiabeira Maraviósa”, dirigido por Fernando Fraiha (“La Vingança”) e protagonizado pelo influenciador mineiro Isaac Amendoim. O Ingresso.Com marcou a data para 16 de maio.

Instituição cultural europeia responsável pelo trânsito de filmes franceses pelo mundo soma sucessos de público e crítica em fórum de promoção de sua produção cinematográfica



De arma em punho no longa de Woody Allen, 'Golpe de Sorte', Melvil Poupaud ganha prêmio honorário nesta quinta no Rendez-vous da Unifrance

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**A**stro de múltiplos filmes de François Ozon e Mathieu Amalric, protagonista do novo e ainda inédito Woody Allen ("Golpe de Sorte"), Melvil Poupaud será homenageado esta noite em Paris, com um prêmio pelo conjunto de sua carreira, que atrai holofotes para uma das mais sólidas ações de marketing da indústria audiovisual francesa.

Entra em fricção de hoje até segunda a edição de número 26 do fórum Rendez-vous Avec Le Cinéma Français, que teve uma inauguração formal na terça, para exibidores, com a projeção de "Le Tableau Volé", de Pascal Bonitzer, e passa a mobilizar jornalistas do mundo inteiro a partir desta quinta. Instalações de luxo do Hôtel du Collectionneur se transformam num estúdio vivo nesse evento, que promete mobilizar 130 artistas (da produção, de elenco, de animação, de documentários). Quem faz essa festa acontecer é a Unifrance, instituição ligada ao Ministério da Cultura da pátria (hoje) presidida por Emmanuel Macron, cujo foco é apoiar a circulação dos filmes (e das séries, vide "Lupin") feitas por lá. Nesta sexta, o Rendez-vous liberta um de seus mais potentes tentáculos: o MyFrenchFilmFestival. Trata-se de uma mostra online, que pode ser vista no mundo todo, via web, com 11 longas e 15 curtas.

Esses filmes são submetidos a dois júris, um de profissionais do mercado cinematográfico (a diretora brasileira Lillah Halla, consagrada por "Levante", é parte dele) e um de repórteres e integrantes de associações da crítica (onde o Brasil tem como representante

## A micareta da Unifrance



Divulgação

No papel de Astérix, o ator e diretor Guillaume Canet vendeu 4,5 milhões de ingressos

Leticia Alassé). Produções como "Fairplay", de Zoel Aeschbacher; (o ótimo) "The Summer Holidays", de Valentine Cadic; "Fast", de Paul Rigoux; e "The Green Perfume", de Nicolas Pariser, podem ser vistos no <https://www.myfrenchfilmfestival.com/>.

Há muito que se comemorar na Unifrance, uma vez que a receita dos longas lançados pela França de janeiro a dezembro de 2023 superou a ressaca provocada pela pandemia, que secou as salas de exibição, esvaziando-as sob o assombro da covid-19. Acostumados a ver filmes venderem 10 milhões de ingressos ou até mais – "Intocáveis", que revelou Omar Sy, foi visto em circuito por 19,5 milhões de espectadores -, as salas de projeção parisienses (assim como as de Nice, Marselha, Toulouse e arredores) amargaram dias difíceis com efeito do coronavírus, sofrendo retração de plateias e encarando uma pesada concor-

de Ladybug: O Filme". Também impressionou a receita de "Nina: A Heroína dos Sete Mares", lançado aqui em novembro: 863 mil pagantes.

Vale citar a força que teve "Jeanne DuBarry", melodrama de época que marcou o regresso de Johnny Depp às telas (após a árdua batalha judicial contra sua ex- atriz Amber Heard), sob a direção de Maïwenn. Vendeu 764 mil bilhetes em territórios francófonos logo depois de ter sido exibido na abertura do Festival de Cannes.

Nos festivais classe AA do mundo, a França deitou e rolou também. Já em fevereiro passado, ela papou o Urso de Ouro da Berlinale com "No Adamant", de Nicolas Philibert, visto por 125 mil franceses. Em maio, ganhou a Palma de Ouro de Cannes com "Anatomia de uma Queda", que rendeu o Globo de Ouro de Melhor Filme de Língua Não Inglesa e o de Melhor Roteiro para a diretora Justine Triet. Esse estudo sobre sexismo em forma de drama judicial (de roer as unhas) estreia por aqui no dia 25, mas, antes, no dia 23, deve ser citado entre os indicados ao Oscar, quiçá o de Melhor Atriz, coroando a alemã Sandra Hüller. Ela interpreta uma escritora que é acusada da morte do marido, vítima de um (aparente) tombo do telhado.

Todas essas conquistas serão celebradas pela França no Rendez-vous, que promove ainda o que pode (e deve) vir a barulho nas principais maratonas de exibição do planisfério cinéfilo. Uma das apostas é "Dans Le Viséur", de André Téchiné. Nesse suspense, a onipresente diva Isabelle Huppert empresta seu talento ao mestre europeu na saga de uma policial que se afeiçoa por seus novos vizinhos até entrar em dilema ao descobrir que um deles tem um passado de crimes.

rência com as plataformas de streaming. O maior sucesso que aquele mercado emplacou em 2022 foi "Qu'Est-ce Qu'On a Tous Fait Au Bon Dieu?", que vendeu 2.429.450 tíquetes. É a terceira parte da franquía de humor "Que Mal Eu Fiz A Deus", iniciada em 2014. É um número expressivo pra vida pós pandemia, mas comparado à receita dos outros dois longas da cinessérie – o primeiro foi visto por 12,3 mil pagantes e o segundo, de 2019, por 6,6 mil pessoas.

Já no ano passado, as cifras foram bem mais alta, a começar pelo fato de "Astérix & Obélix: O Reino do Meio" (lançado aqui via Netflix) ter vendido 4,5 milhões de tíquetes de fevereiro a maio. Nas aventuras animadas produzidas em estúdios da França, 2023 também foi de gáudio, com cerca de 1,6 milhão de espectadores no currículo do thriller infantojuvenil "Miraculous: As Aventuras

# 'Eu tentava entender minha própria identidade'

**D**epois de uma curta temporada no ano passado, a atriz Christiana Guinle volta ao cartaz com o monólogo "Gênero: livre", a partir de 17 de janeiro, no Teatro Glauce Rocha, no Centro. Inspirada na vida da artista, que tem gênero fluido, a peça reflete sobre padrões de comportamento masculinos e femininos impostos pela sociedade.

Com texto de Pedro Henrique Lopes e direção de Ernesto Piccolo, a peça reúne biografias, reportagens, músicas e relatos pessoais da atriz e da equipe criativa para construir uma narrativa sobre gênero, que vai dos preconceitos arraigados no nosso dia a dia aos debates sobre liberdade em um mundo pós-gênero. O espetáculo é patrocinado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, pela Secretaria Municipal de Cultura e pela Rede D'Or, por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura - Lei do ISS. Além disso, este espetáculo foi selecionado por meio do Programa Funarte Aberta 2023 - Ocupação dos Espaços Culturais da Funarte no Rio de Janeiro.

O projeto teve início na pandemia, quando o diretor e a atriz, amigos há mais de quatro décadas, decidiram trabalhar juntos pela primeira vez. Christiana Guinle sugeriu um projeto

Espetáculo reúne biografias, reportagens, músicas e relatos pessoais da atriz Christiana Guinle e da equipe criativa para refletir sobre as identidades de gênero

que resgatasse o processo que a levou ao entendimento de sua própria identidade sexual e de gênero para falar de um mundo que evoluiu nas discussões sobre o tema, mas ainda insiste em nos colocar em rótulos.

"Durante minha juventude, eu não tinha muitas referências de pessoas que se identificassem como fluidas. No máximo, tinham as pessoas andróginas. Eu tentava entender minha própria identidade. A descoberta da não-binaridade e a possibilidade



Christiana Guinle em cena no monólogo 'Gênero Livre'

de fluir entre os gêneros foram libertadoramente perturbadoras. Conteí toda a minha história para o Pedro, que usou as minhas memórias para escrever um espetáculo sobre o respeito às nossas próprias individualidades. Queremos falar do corpo sem gênero. Das roupas sem gênero. Do sexo sem gênero", descreve Christiana Guinle.

"As pautas identitárias no teatro são um reflexo das discussões frequentes na sociedade hoje. As pessoas estão querendo ver também em cena narrativas que falem da igualdade de gênero, combate ao racismo, sexualidade e preservação ambiental. Mas as discussões sobre gênero

fluidido ainda não são tão frequentes em cena", analisa o autor Pedro Henrique Lopes.

A peça passeia não só pela trajetória de Christiana Guinle, mas resgata personagens importantes no debate da fluidez de gênero: Thomas Baty (1869-1954), umas das primeiras pessoas documentadas como "não-binária"; a atriz Rogéria, com quem Christiana trabalhou e se tornou amiga; Kaká Di Polly, ícone drag dos anos 1980 e 90; a modelo trans Roberta Close; e muitas outras pessoas que contribuíram para a (des)construção social brasileira de gênero. Todos eles estão em cena através das falas e da vivência de Christiana Guinle.

"O teatro que debate assuntos sociais importantes me interessa muito, principalmente quando a gente está falando da liberdade, do livre-arbítrio, de ser quem a gente é de verdade", observa o diretor Ernesto Piccolo. "Ainda temos muito que evoluir nessa questão, mas já vemos muito mais espaço para o debate de gênero hoje do que décadas atrás", completa.

## SERVIÇO

### GÊNERO LIVRE

Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179, Centro)

Até 8/2, às quartas e quintas (19h)

Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

# Com o pé no acelerador

Governo federal libera Rouanet para 10,7 mil projetos, com captação de R\$ 2 bi

**N**o ano passado, o governo Lula deu aval para 10.786 projetos culturais captarem recursos por meio da Lei Rouanet, o principal mecanismo de fomento à cultura do Brasil. É um aumento de 265% em comparação com 2022, quando a gestão do ex-presidente Bolsonaro deu sinal verde a 2.954 projetos.

Os valores solicitados por todas as propostas aprovadas em 2023 totalizam R\$ 16 bilhões, cifra que deve ser captada junto a empresas ou pessoas físicas que estejam dispostas a patrocinar as iniciativas.

Efetivamente, foram captados R\$ 2 bilhões. É um valor menor do que aquele aprovado porque o aval para um projeto buscar recursos não significa necessariamente que ele conseguirá a totalidade dos valores pleiteados.

O proponente precisa bater na porta dos patrocinadores, que nem sempre estão dispostos a pagar a quantia de forma integral. Há ainda casos em que o projeto recebe autorização para captar recursos, mas não consegue patrocínio.

De acordo com dados do Ministério da Cultura, o maior valor solicitado foi de R\$ 263 milhões pela Fundação Bienal de São Paulo.

O dinheiro será usado para manter o Pavilhão Cicillio Matarazzo, onde a Bienal acontece, realizar mostras itinerantes e para a participação do Brasil na Bienal de Veneza, entre outras ações. Até agora, a entidade conseguiu captar R\$ 1,5 milhão com 13 patrocinadores.

O segundo maior valor foi solicitado pelo Museu de Arte de São Paulo, o Masp. A instituição poderá captar até R\$ 144 milhões, valor que deve ser usado para preservar o prédio do museu, realizar exposições e atividades educativas. Já a TV Cultura solicitou R\$ 133 milhões para a compra e produção

## OS 20 PROJETOS AUTORIZADOS A CAPTAR MAIS RECURSOS EM 2023

Divulgação



*Lista inclui Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo*

**Fundação Bienal de São Paulo:** R\$ 263 milhões

**Masp:** R\$ 144 milhões

**TV Cultura:** R\$ 133 milhões

**Orquestra Sinfônica Astifeva:** R\$ 99 milhões

**Museu Nacional:** R\$ 90 milhões

**Teatro Villa Lobos:** R\$ 88 milhões

**Orquestra Sinfônica Brasileira:** R\$ 74 milhões

**MAM Rio:** R\$ 69 milhões

**Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo:** R\$ 64 milhões

**Associação Casa Azul:** R\$ 62 milhões

**Orquestra Petrobras Sinfônica:** R\$ 60 milhões

**Instituto Artium de Cultura:** R\$ 59 milhões

**Observatório Martinelli:** R\$ 58 milhões

**Orquestra Ouro Preto:** R\$ 54 milhões

**MAM São Paulo:** R\$ 51 milhões

**Restauração do Real Forte Príncipe da Beira:** R\$ 51 milhões

**Centro Cultural Palácio da Sé:** R\$ 50 milhões

**Orquestra Filarmônica de Minas Gerais:** R\$ 49 milhões

**Jockey Club de São Paulo:** R\$ 48 milhões

**Solar do Barão de Itapura:** R\$ 48 milhões

de conteúdo televisivo.

As três instituições têm sua sede em São Paulo, estado que mais captou recursos, com R\$ 943 milhões. Logo depois, vêm Rio de Janeiro (R\$ 416 milhões) e Minas Gerais (R\$ 260 milhões).

A maior parte dos valores captados via Lei Rouanet está concentrada no Sudeste (R\$ 1,6 bilhão), seguido por Sul (R\$ 341 milhões), Nordeste (R\$ 145 milhões), Norte (R\$ 64 milhões) e Centro-Oeste (R\$ 63 milhões).

A centralização do dinheiro é um problema crônico que persiste a despeito das tentativas do Minis-

tério da Cultura de acabar com esse gargalo. No ano passado, a pasta criou a possibilidade de repassar os recursos por meio de editais públicos.

Desse modo, o governo poderia atuar junto aos patrocinadores, estabelecendo diretrizes e critérios. Exemplo disso é a Rouanet no Norte, edital que destinou R\$ 24 milhões para propostas dessa região.

### Como a lei funciona

Sancionada em 1991, a Lei Rouanet permite que artistas possam captar recursos com empresas

e pessoas físicas que estejam dispostas a patrocinar projetos culturais.

Em contrapartida, o valor direcionado à cultura é abatido totalmente ou parcialmente do imposto de renda do patrocinador, num mecanismo conhecido como renúncia fiscal.

Ou seja, os recursos que seriam pagos ao Estado por meio de impostos são direcionados para estimular a atividade cultural, setor que empregava em 2020 quase 5 milhões de pessoas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE.

Já de acordo com o Observa-

tório Itaú Cultural, a economia criativa movimentou R\$ 230 milhões em 2020 e representou 3,1% do PIB, isto é, a soma das riquezas que o país produziu nesse período. A título de comparação, a indústria automotiva respondeu por 2,1% do PIB em 2020, um ponto percentual a menos em comparação com a cultura.

Esse setor, aliás, não é a única área da economia beneficiada por políticas de fomento. Em 2020, o Senado aprovou uma medida provisória concedendo incentivos fiscais para empresas automotivas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

# Um herói movido a espinafre

Popeye completa 95 anos de sucesso incontestável apesar de 'probleminhas' no enredo

Por Gabriel Alves (Folhapress)

**S**e você simplesmente disser “espinafre” para alguém que tenha, digamos, 30 anos ou mais, muito provavelmente virá na cabeça dessa pessoa a imagem de um marinheiro com um olho fechado, queixo evidente e partido ao meio, grandes antebraços e cachimbo no canto da boca - o Popeye. Com sua primeira aparição em janeiro de 1929, inicialmente numa tirinha de jornal (e ele nem era o personagem principal), o marujo completa 95 anos nesta semana.

Desde cedo, foi arrebatador o sucesso de Popeye, primeiro nas tirinhas (que chegaram a aparecer em mais de 500 jornais ao mesmo tempo), depois no cinema (onde estreou só quatro anos depois, em 1933) e por fim em séries de desenhos animados para a TV (que renderam mais de 600 episódios).

Mas o que pode explicar todo esse êxito? A reportagem conversou com pessoas entendidas do mundo dos quadrinhos e até com uma nutricionista para entender a questão.

Uma das respostas é que Popeye era uma espécie de pai dos super-heróis modernos. O super-homem foi lançado só em junho de 1938, mais de nove anos depois de Popeye dar as caras pela primeira vez.

A força de Popeye vem justamente do espinafre, uma verdura amarga e bastante saborosa (uma vez que você se acostuma com ela). Em momento de necessidade, é só abrir uma lata e ingerir o conteúdo e botar os vilões para correr. A lata, recurso importante para a conservação de alimentos, não é muito comum no Brasil, já que é muito fácil achar espinafre fresco para comprar por aí.

E, de fato, o espinafre gera um monte de

benefícios no nosso corpo, explica a nutricionista Bianca Naves. Por exemplo, ele é rico em nitratos, substâncias que ajudam os vasos a se dilatarem, fazendo o sangue chegar mais facilmente nos músculos, e em nutrientes como ácido fólico, vitamina A, C, ferro e cálcio, além de fibra alimentar, que ajuda nosso intestino a funcionar melhor e reduz o risco de doenças como diabetes e infarto.

Mas, por melhor que o espinafre seja, não dá para viver só dele, avisa a nutricionista. É importante ter uma alimentação completa: “Aquele que tem arroz, feijão, uma carne magra, por exemplo, com verduras e legumes coloridos no prato, como o próprio espinafre, cenoura e tomate”, exemplifica.

Além do espinafre, há outros motivos que tornam Popeye especial. Ele foi o primeiro personagem de quadrinhos a ganhar uma estátua pública. Isso foi em 1937, em Crystal City, uma cidade de produtores de espina-



*Popular em jornais, no cinema e na TV, o marinheiro Popeye estimulou consumo de espinafre e espelhou hábitos de uma época*

fre no estado do Texas, lembra Ivan Costa, sócio-fundador e curador de quadrinhos da CCXP.

Para Ivan, fã de Batman, o mais legal do Popeye é que ele foi das tirinhas às animações para o cinema, ganhou revistas em quadrinhos próprias, além de desenhos animados que se tornaram famosos em todo o mundo. “E isso tudo numa época em que não havia internet! É incrível!”

Outro entusiasta dos quadrinhos, Marcelo Naranjo, editor do Universo HQ, diz ser fã do senso de humor mais adulto das primeiras tirinhas do Popeye, que tinham até crítica social. Para alcançar uma maior audiência, inclusive de crianças, as piadas e as sacadas foram mudando, descreve.

Outro ponto marcante é a música. Mesmo quem não conhece Popeye e amigos, facilmente reconhece a música e sai assobiando a melodia.

O criador e primeiro desenhista do Popeye, E.C. Segar (1894-1938), se inspirou numa figura que conheceu em sua cidade, Chester, no estado americano de Illinois. Frank “Rocky” Fiegel (1868-1947), de fato, é a cara do Popeye. Que nos perdoe Robin Williams, que interpretou o marujo no filme Popeye, de 1980.

Apesar do incontestável sucesso de quase um século, existem alguns probleminhas no enredo nas aventuras de Popeye. Um bastante evidente é o fato de ele estar sempre com um cachimbo à boca. Fumar é um hábito nada saudável e isso não deve servir de inspiração a ninguém.

Outra coisa que não é legal é a briga entre o mocinho Popeye e o vilão Brutus por Olívia Palito. Muitas vezes é como se ela fosse um troféu a ser dado ao vencedor da disputa, em vez de simplesmente ser ouvida e ter suas vontades respeitadas.

“É complicado quando você tem esse elemento [machismo] como a espinha dorsal do personagem, que está ali para defender uma donzela em perigo. Hoje em dia esse conceito não é mais aceito. Imagina se ela sempre dependesse de alguém para defendê-la, ainda mais contra quem quer ficar com ela na marra!”, diz Ivan.

Quem teve a oportunidade de adaptar a história de Popeye para um novo contexto foi o ilustrador brasileiro Marcelo Lelis, que, junto como roteirista francês Antoine Ozanam lançou em 2021 o livro “Popeye - Um Homem ao Mar” (Skript Editora, R\$ 109, 120 págs.).

O livro, ambientado nos anos 1970, é para adultos (e o cachimbo, portanto, continua lá), mas Olívia Palito é mais dona de si, distribui uns sopapos e aparece de cabelo cortado num certo momento da trama.

Na história, Popeye sofre com a chegada de grandes corporações que estão dificultando o trabalho de pequenos pescadores, como ele. “A gente não ficou somente na questão herói. Há questões ali que são muito pertinentes a todos nós até hoje”, diz Lelis.

Nem só de HQs e desenhos animados vive Popeye. Até hoje é comercializado espinafre em lata com o nome do marujo - o consumo da verdura nos EUA chegou a subir 33%, de acordo com o site oficial do Popeye.

Outra coisa curiosa se deve ao coadjuvante Dudu (Wimpy, em inglês), um caloteiro glutão apaixonado por hambúrgueres, mas que só quer pagar por eles na próxima terça-feira. Ele dá nome, no mundo real, uma rede de hamburguerias (Wimpy's).

Popeye e seus amigos podem ser quase centenários, mas energia é o que não falta para essa turma.

UM BOM JORNAL  
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA  
E NEM DE DIREITA  
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM  
DE INFORMAR  
A VERDADE  
E NÃO IMPOR  
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**  
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR  
E VONTADE DO ELEITOR .

## Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

[correiodamanha.com.br](http://correiodamanha.com.br) @correiodamanha